



Guardiões de sementes crioulas: uma paixão que não está adormecida em Juti, Mato Grosso do Sul

Creole seed guardians: a passion that is not dormant in Juti, Mato Grosso do Sul

Shaline Séfara Lopes Fernandes¹; Zefa Valdivina Pereira²; Julio Cesar Pereira Lobtchenko³; Maikely Larissa Bormann Maciel do Santos⁴; Tauane Catilza Lopes Fernandes⁵

¹Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, shaline.fernandes@uems.br;
²Docente da Universidade Federal da Grande Dourados, zefapereira@ufgd.edu.br; ³Docente do Instituto Federal Campus de Naviraí, MS, lobtchenko_jc@hotmail.com; ⁴Discente do Curso de Medicina Veterinária, Faculdades Anhanguera de Dourados, maikelybormann@hotmail.com; ⁵Discente da Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, Tauanezootecnista@gmail.com

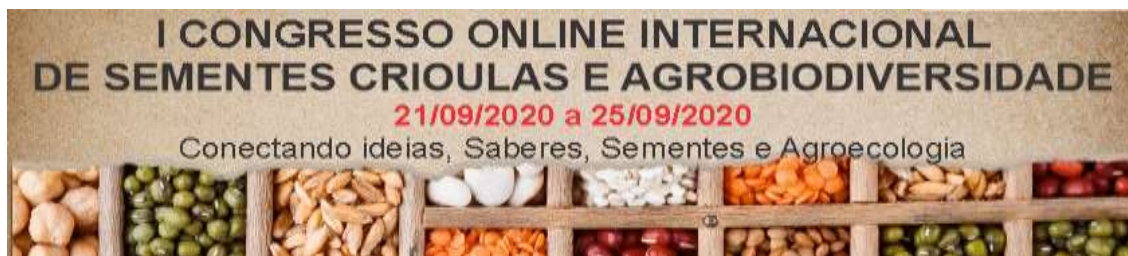
Resumo

Ao longo de 15 anos, com a realização da Feira de Sementes Crioulas de Juti, com a intenção de resgatar uma tradição ancestral camponesa dentro de cada agricultor, descobriu-se que a mesma não estava adormecida, e sim, estava apenas precisando de uma oportunidade para “germinar” em cada agricultor. Foram anos de muita cooperação entre pequenos agricultores e comunidades indígenas, na qual a expectativa sobre o objetivo da feira foi superado, descobrindo-se que os envolvidos têm o prazer em participar, que planejam o plantio das sementes que recebem na feira anterior e sempre buscam levar mais da quantidade mínima que receberam. É de fato, mais do que um compromisso, ou um dever, e sim, uma satisfação em mostrar para todos os agricultores suas experiências e saberes com o plantio das sementes crioulas, acompanhada com uma curiosidade incansável que os impulsiona em todos os anos na participação assídua do evento, com o intuito de descobrir novas variedades de sementes crioulas, essa paixão se mostra vivaz e não adormecida. Esforços com a divulgação da feira sempre aconteceu graças aos agricultores que propagavam seus saberes por meio da feira em suas comunidades, e o resultado, sempre se superou ano após ano com muitos participantes de outras localidades. Partindo desse princípio, acredita-se que políticas públicas que apoiem projetos e eventos dessa natureza, tendem a ser bem sucedidos, assim os envolvidos devem unir esforços para que esse ciclo de distribuição de sementes crioulas não pare, como é o caso dos organizadores da Feira de Sementes Crioulas de Juti, que ao longo de 15 anos, têm colhido frutos dessa grandiosa experiência.

Palavras-chaves: Agricultura Familiar, Sustentabilidade; Agrobiodiversidade

Abstract

Over 15 years, with the creation of the Creole Seed Fair of Juti, with the intention of rescuing an ancestral peasant tradition within each farmer, it was discovered that it was not asleep, but rather, it was just needing an opportunity to “germinate” in each farmer. There were years of a lot of cooperation between small farmers and indigenous communities, where the expectation of the fair's objective was surpassed, discovering that those involved are happy to participate, that they plan to plant the seeds they receive at the previous fair and always seek to take more of the little they received. It is, in fact, more than a commitment, or a duty, but a satisfaction in showing all the farmers their experiences and



knowledge with the planting of Creole seeds, accompanied with a tireless curiosity that drives them every year in participating assiduous of the event in order to discover new varieties of Creole seeds, that is, this passion is not dormant. Efforts to publicize the fair have always taken place thanks to farmers who spread their knowledge through the fair in their communities, and the result has always been exceeded each year, with many participants from other locations. Based on this principle, it is believed that public policies that support projects and events of this nature, tend to be successful, so those involved should join forces so that this cycle of distribution of Creole seeds never stops, as is the case with the organizers of the Fair of Creole Seeds of Juti, which over 15 years, has reaped the fruits of this great experience.

Keywords: Family Agriculture, Sustainability; Agrobiodiversity

Introdução

Impulsionada pela Revolução Verde na década de 1960, houve uma série de invenções, propagação de novas sementes e práticas agrícolas todas com propósito de aumentar a produção agrícola. Surge o advento da conhecida agricultura moderna, baseada em elementos, como modernização de propriedades, uso de insumos químicos, produção de monoculturas para mercado, entre outros (TELLES et al., 2018).

A adoção de novas sementes desencadeou ao longo de anos a perda da variabilidade genética de espécies vegetais. Nesse projeto de modernização da agricultura, o desenvolvimento de variedades de alto rendimento, selecionadas para maximizar, em termos de produtividade, a resposta à aplicação de fertilizantes sintéticos e agrotóxicos, foi um elemento decisivo (FERNANDES et al., 2017). Tal resposta se deve diretamente a variabilidade genética de cada espécie em questão.

A redução da variabilidade genética (erosão genética) ocorre ao longo do tempo devido a fatores de ordem natural ou artificial (causado pela ação humana) provocando a diminuição da produção agrícola e um aumento da suscetibilidade das plantas a pragas e doenças, fato que torna o abastecimento alimentar vulnerável e insustentável para suprir a falta de alimento no mundo (BARBOSA et al., 2015).

Além desses fatores mencionados, o melhoramento convencional, também é um processo centralizado e exclusivo onde os agricultores ficam dependentes da fonte de sementes produzidas por instituições e empresas, sementes estas cultivadas para atingir o máximo de produtividade junto aos insumos industriais, fertilizantes e agroquímicos (TELLES et al., 2018).

Concomitantemente com esse pacote tecnológico, as sementes crioulas ainda continuam a serem cultivadas por pequenos agricultores de comunidades tradicionais e indígenas. As sementes crioulas são caracterizadas por apresentar uniformidade e pureza, sendo utilizadas por comunidades agrícolas tradicionais sem terem sofrido modificações genéticas (BESSA et al., 2017).



Segundo a legislação brasileira, no Art. 2º, inciso XVI, da lei no 10.771, as cultivares locais, tradicionais ou crioulas são reconhecidas como sendo “variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades e que, a critério do MAPA, considerados também os descritores socioculturais e ambientais, não se caracterizam como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais” (BRASIL, 2003).

Há uma indagação que deve ser feita: E quem são os responsáveis pelo cultivo e preservação dessas sementes crioulas? Também chamados de “guardiões”, estes desenvolvem técnicas de caráter sociocultural para resgate, manutenção e dispersão dos materiais crioulos, cujas práticas são repassadas de geração para geração (LIMÃO et al., 2020). Esses cultivos são criações coletivas dos povos, das experiências camponesas e indígenas, e especialmente das mulheres, que foram as primeiras a cultivarem, mantendo-se como suas principais guardiãs (BESSA et al., 2017).

Este trabalho teve por objetivo relatar as experiências vividas com os guardiões de sementes crioulas que participaram da feira de sementes Crioulas de Juti - MS, nesses últimos 15 anos, bem como, fomentar as fortalezas e fragilidades que podem ser almeçadas por intermédio de políticas públicas.

Descrição da Experiência

Na região Centro-Oeste do Brasil, no Sudoeste de Mato Grosso do Sul (Microrregião de Dourados), encontra-se o município de Juti. Localiza-se a uma latitude 22°51'38" sul e a uma longitude 54°36'10" oeste. Distante a 306 Km da capital Campo Grande.

Este município detém dois Assentamentos: Sebastião Rosa da Paz com 51 famílias e assentamento Santa Clara com 80 famílias. Além do assentamento Guanabara com 98 famílias, que embora pertença ao Município de Amambai, as famílias têm um sentimento de pertencer ao município de Juti por estarem a 16 km do mesmo e a 90 Km de Amambai; há também e duas comunidades indígenas: a Aldeia Taquara com 271 indígenas e Aldeia Jarara com 270, ambas da etnia Guarani-Kaiwoa.

Esse evento iniciou com um grupo de mulheres desses assentamentos preocupadas com a segurança e a soberania alimentar de suas famílias, empenharam-se no resgate e multiplicação das sementes crioulas. Assim, este grupo com o apoio da Comissão Pastoral da Terra idealizou promover uma feira, para que estas pudessem trocar suas sementes e comercializar seus produtos.

Um dos principais objetivos e desafios da Feira de Juti, desde seu início, foi o resgate de uma tradição ancestral camponesa: cuidar, conservar, proteger e reproduzir as sementes crioulas, bem como, estimular o sistema de troca de sementes crioulas e informações entre agricultoras, agricultores camponeses e, instituições de ensino visando a valorização dos Guardiões de Sementes da Sociobiodiversidade e a conservação do patrimônio genético.



Em todos os encontros da feira, no momento da troca de sementes, uma das perguntas mais frequentes foi sobre o valor das sementes, os agricultores ficavam surpresos em saber que o pacotinho de sementes era sem custo e que o mesmo deveria apenas dar sua palavra e trazer para a próxima feira o que conseguir produzir em campo. Outro detalhe importante, é a expectativa que todos os agricultores criam em seu pensamento de que no próximo ano da feira, as sementes passarão a ser cobradas, fato esse, que constatamos na distribuição das sementes, quando revemos agricultores que já participaram de edições anteriores a feira, e sempre perguntam o custo.

No momento da distribuição de sementes, projetada em forma circular, os colaboradores auxiliam os agricultores nas dúvidas que vão surgindo, fornecendo informações de plantio e origem das sementes. Cada momento na central de distribuição da feira é duradouro, os agricultores compartilham nesse momento suas experiências com o plantio e colheita, detalhes que contribuíram e que dificultaram o plantio.

Alguns questionamentos foram empregados pelos colaboradores que atenderam os agricultores na central de distribuição de sementes crioulas: o que é resgatado em cada agricultor que sempre o motiva a voltar a participar da feira? Será apenas a “palavra” dada aos colaboradores que irá produzir as sementes em sua propriedade e trazer mais? Encontramos alguns indícios de que a motivação é voltada para as lembranças que cada agricultor traz consigo da sua infância, pois muitos ao visualizar algumas sementes expressaram reações de alegria e surpresa, descrevendo na sequência o momento da sua infância e adolescência que teve o primeiro contato com a cultivar crioula, relatando a perda da semente, e que fazia décadas que não a encontrava.

Esses momentos dos colaboradores da feira com os agricultores são enriquecedores pela interação que ocorre de forma natural e espontânea com os mesmos, são momentos preciosos, onde ocorre transferência de saberes, sabores e valores de vida. Esse momento de interação que ocorre entre os colaboradores e os agricultores resume-se em uma afirmação de Paulo Freire: “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996).

A feira de sementes crioulas em Juti-MS é um evento que cria uma oportunidade de troca de saberes e por tal configuração, acredita-se que essa estrutura deve ser seguida como projeto piloto de políticas públicas dessa natureza no Estado do MS, visto que, são 15 anos de experiências em uma região que tem “colhido” resultados positivos, e que cada vez mais tem ganhando novos adeptos a contribuir para o fortalecimento do evento.

Como o evento tem sido cada vez mais conhecido na região, além das fortalezas destacadas, faz-se necessário apontar as fraquezas que necessitam ser fortalecidas, ou seja, como podemos garantir que todas as sementes crioulas sejam reproduzidas e sua disponibilidade nunca falte na feira para os agricultores, se não é possível ter a confirmação de que os agricultores poderão ter êxito na sua reprodução em campo?

Esse evento, tem se sustentado graças a esforços de um projeto aprovado pela Universidade Federal da Grande Dourados, que consegue financiamento para sua execução. No entanto, além de extrema importância o financiamento dessa natureza, ainda é notório a ausência de políticas



públicas para o financiamento da “continuidade e manutenção” desse evento, ou seja, as sementes crioulas logo que recebidas devem ser produzidas em campo em larga escala, e tal configuração exige um local específico, como uma estação experimental, juntamente com um técnico para controle do plantio, colheita e armazenamento de cada variedade, e no mínimo dois funcionários para suporte no cuidado e manejo das variedades crioulas, e câmara fria para armazenamento.

Assim como existem empresas especializadas no melhoramento de sementes, se faz necessário também a existência de estações experimentais para cultivo de sementes crioulas, onde a pesquisa científica possa ser realizada para comprovar sua riqueza genética, e assim tal informação ser divulgada em nível internacional. Acredita-se que não se deve aceitar uma agricultura homogeneizante que coloque em risco a biodiversidade genética vegetal de sementes crioulas, e sim, que a produção dessas sementes seja fortalecida a tal ponto que o sistema de produção de sementes crioulas não seja mais susceptível a sementes melhoradas de forma artificial.

Pesquisadores ressaltam a destruição da diversidade com a uniformidade de espécies melhoradas geneticamente, e que se faz necessário considerar a questão da segurança de populações, porque com uma dieta baseada em algumas variedades melhoradas artificialmente surge uma situação de risco nutricional por perda de componentes nutricionais contidos na matriz que o originou (TELLES et al., 2018).

Esse modelo de política pública que financia a continuidade e manutenção de projetos são observados em outros países, como por exemplo a Costa Rica (América Central), onde as fontes financiadoras investem na execução desses projetos por até 20 anos, já se tem provas suficientes de que o resgate de algo que as comunidades tradicionais e indígenas tem “paixão” pelo cuidado e manejo de sementes crioulas, permite que este apreço se justifique por manter a segurança alimentar de sua família. Pesquisadores afirmam que apesar da incalculável perda de diversidade genética agrícola e alimentar resultante desse “processo de modernização”, as sementes crioulas não deixaram de ser cultivadas na agricultura familiar, pelos povos indígenas e pelas comunidades tradicionais (FERNANDES, 2017).

No Brasil, pela Lei 10.771/03 (BRASIL, 2003), as sementes crioulas são reconhecidas, sendo permitido que as mesmas sejam multiplicadas, comercializadas e trocadas entre agricultores, além de liberá-las de registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Baseado nessa certeza, indagações surgem: porque mesmo amparado por Lei ainda não existem políticas públicas para a implementação e manejo de estações experimentais que resgatem as sementes crioulas, visto que, a agricultura campestre é a “cara do Brasil”, sua essência que está sendo suprimida por um modelo homogeneizante de países que já extinguiram suas raízes ancestrais? Fernandes (2017), menciona que um desafio é institucionalizar as sementes crioulas, varietais e orgânicas, bem como, realizar o reconhecimento de seus guardiões nas políticas públicas.

Outro ponto importante a ser destacado como fragilidade é a inexistência de políticas públicas que auxiliem os guardiões de sementes crioulas no financiamento de seus cultivos, ou por meio de bolsas que remunerem os mesmos que preservem e cultivam as sementes crioulas, por meio



de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA). São projetos possíveis, e com um único propósito, que é salvaguardar a biodiversidade de cultivares crioulas tradicionais que estão ameaçados pelo sistema de produção atual, onde a meta não é apenas multiplicar as sementes crioulas e sim valorizar os guardiões de sementes crioulas e seus saberes.

Conclusões

As interações criadas nesse evento ao longo de 15 anos produziram frutos e fortaleceram o resgate de saberes que existia em cada agricultor que estava desassistido. É evidente a paixão desses agricultores pela diversidade de sementes crioulas e que estes sem nenhuma remuneração fazem seu cultivo e retornam a feira no ano seguinte para compartilhar essa produção e seus saberes adquiridos em campo. Acredita-se que projetos dessa natureza são funcionais e que de fato devem ser valorados para financiamento, no entanto, as políticas públicas devem resguardar essa biodiversidade a longo prazo, por meio de financiamento de pesquisas científicas para reprodução de cultivares crioulas e comprovação da sua riqueza genética em nível internacional, além do pagamento por serviços ambientais para os guardiões das sementes crioulas. Exemplos que apresentam êxito estão implementados nas políticas públicas de alguns países, basta o Brasil, seguir esse exemplo e assim dar um salto para soberania e segurança alimentar brasileira.

Agradecimentos

À Prefeitura Municipal de Juti, à Comissão Pastoral da Terra, à Associação de Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul, à Universidade Federal da Grande Dourados e Ao CNPQ pelo apoio financeiro Processo N° 4412918/2018-6.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, V. L.; VIDOTTO, R. C.; ARRUDA, T. P.; Erosão Genética e Segurança Alimentar. *Anais...* SICI– Simpósio Internacional de Ciências Integradas, Realizado na UNAERP – Campus Guarujá, Artigo, p.03, 2015.

BESSA, M. M.; VENTURA, M. V. A.; ALVES, L. da S. Sementes crioulas: construção da autonomia camponesa. *Cadernos de Agroecologia*, [s.l.], v. 11, n. 2, 2017. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/20978>. Acesso em: 26 jan. 2020.

BRASIL. *Lei de sementes*: Lei n. 10.711 de 5 de agosto de 2003.



FERNANDES, G. B. Sementes crioulas, orgânicas e varietais para a agricultura familiar: da exceção legal à política pública. In: SAMBUICHI, R. H. R. et al. (Ed.). *A Política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável*. Brasília, DF: Ipea, 2017. p. 327–357.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 90, 1996.

LIMÃO, M. A. R.; LOPES, K. P.; VIEIRA, H.; LINS, M. V.; SANTOS, A. S. Importância da preservação das sementes crioulas de Milho (*Zea mays* L.) e a importância atrelada aos atributos de qualidade de sementes. *Meio Ambiente (Brasil)*, v. 1, n. 1, p. 34-41, 2020.

TELLES, C. S.; GODOY, C. M. T.; OLIVEIRA, P. H.; VARGAS, T. O. ¿ Semillas criollas que opinan sobre ellas? Un estudio sobre la percepción de los agricultores familiares del municipio de Saudade Iguazu/PR. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, REGET*, v. 22, n.6, p.01-10, 2018.